

SEXUALIDADE INFANTIL: ORIENTAÇÃO PARA PROFESSORAS DE UMA PRÉ-ESCOLA

Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Raquel Spaziani (*)

Patrícia Cristiane Pereira (**)

Curso de Psicologia. UNESP- Campus Bauru

Eixo temático: Projetos e Práticas de Formação de Professores

Agência Financiadora: Bolsa FAPESP IC (*); Bolsa PROEX (**);

INTRODUÇÃO

A Sexualidade na infância é uma manifestação do desenvolvimento humano. Desde Freud, a criança não é mais considerada assexuada e o conceito de sexualidade é compreendido como amplo e difuso. A sexualidade abrange uma força pulsional inerente à estruturação da personalidade que se vincularia a diferentes zonas erógenas. O desenvolvimento psicosssexual levaria a manifestações prazerosas relacionadas às zonas erógenas, por exemplo, oral, anal, fálica e genital (FREUD, 1987). Nesse sentido, muitas ações das crianças em relação ao próprio corpo e à sexualidade tem a ver com essas fases de desenvolvimento. Não é possível que se omita das crianças tanto o reconhecimento de sua sexualidade, como o esclarecimento a elas sobre a questão.

Entre as manifestações da sexualidade infantil mais freqüentes destacamos a masturbação e os jogos sexuais, sendo ambos considerados saudáveis e importantes para o desenvolvimento sexual. A masturbação infantil tem como característica a exploração do corpo, não havendo necessariamente a presença de fantasias eróticas. Os jogos sexuais infantis são um conjunto de ações que envolvem a aprendizagem das diferenças corporais a partir da comparação de crianças com adultos e entre as crianças; diz respeito ao processo de construção de sua identidade em relação ao gênero e à observação das normas culturais e dos padrões de comportamento sexual. Também envolve o prazer pelo contato corporal que favorece a descoberta do corpo e a percepção que ele proporciona diferentes sensações (FERNANDES, 1995; LAVIOLA, 1998; RIBEIRO, M. 2005; SILVA, 2007; VITIELLO; CONCEIÇÃO, 1993; NUNES; SILVA, 2000; MAIA, 2005).

Diante dessas manifestações sexuais, bem como dos diálogos decorrentes da curiosidade de crianças sobre nascimento e gestação, diferenças de gênero, etc, os adultos precisam estar preparados para não se omitirem, nem responderem com afirmações inadequadas e/ou fantasiosas.

Atualmente, cada vez mais precocemente, as crianças tem freqüentado as escolas e iniciado a socialização secundária, isto é convivem com diferentes situações de novos aprendizados. Além disso, as informações sobre sexualidade aparecem nos programas televisivos, letras de músicas e diálogos entre os adultos e as crianças despertam cada vez mais cedo para curiosidades que vão além da reprodução e nascimento (MAIA, 2005; NUNES; SILVA, 2000; RIBEIRO,P.R.M.,1990).

Para Paulo Rennes Marçal Ribeiro (1990) a família é uma instituição social importante para nortear padrões comportamentais no processo de educação sexual, mas a escola tem a responsabilidade e o dever de assumir a orientação sexual formal. As escolas infantis ou pré-escolas devem favorecer o desenvolvimento e a interação social das crianças. É um espaço de formação, que extrapola os cuidados com alimentação e higiene, uma vez que tem por finalidade promover o desenvolvimento infantil em vários aspectos: afetivo, cognitivo, social e físico (COSTA, 2003; FERNANDES, 1995). Manifestações sexuais dos alunos vão ocorrer no ambiente da escola, seja através da masturbação solitária, dos jogos sexuais ou da verbalização de suas dúvidas e curiosidades a respeito deste tema, e a orientação sexual se torna uma necessidade na educação infantil.

Desta forma, a escola infantil precisa considerar que vai enfrentar situações de manifestações sexuais dos alunos-crianças e que precisarão tomar certas atitudes em relação a essas condutas. No Brasil, os parâmetros curriculares nacionais governamentais sobre a educação escolar incluem a orientação sexual e muitos pesquisadores têm ressaltado que a escola e professores precisam ser preparados para essa função (BRASIL, 2000; FIGUEIRÓ, 2004; 2006; REIS; RIBEIRO, 2002; RIBEIRO, 1990; MAIA, 2004).

O papel da escola não é transmitir uma moral, uma regra, até porque os professores têm histórias e valores diversos sobre sexualidade, mas conversar com as crianças sobre as diferentes opiniões e valores existentes na sociedade sobre sexualidade e sobre a influência da cultura nessas concepções. Os educadores

devem estar preparados para responder de modo claro, simples e objetivo, as questões relacionadas ao corpo e à sexualidade. A transmissão de informações isenta de valores pessoais do educador favorece o desenvolvimento da autonomia e da emancipação das crianças; para isso professor deverá respeitar a necessidade de autoconhecimento das crianças e promover discussões abertas, tratando do tema sem punições (FAGUNDES, 1992; FIGUEIRÓ, 2006; MAIA, 2005; MAIA, 2006; RIBEIRO, M., 2005).

As manifestações da sexualidade infantil na escola exigem que os professores possuam conhecimentos e habilidades para tratar o tema, porém, para muitos deles, lidar com a sexualidade é um problema, pois não sabem ou não aprenderam a ensinar tal assunto. Além da falta de informação, há o aspecto de que muitos possuem uma história de educação sexual caracterizada por insegurança, dúvidas, desconhecimento, medos e tabus (BRAGA, 2004; FIGUEIRÓ, 2004; 2006; LAVIOLA, 1998; MAIA, 2005), aliada à dificuldade e ao medo em enfrentar os pais que podem ser contrários à orientação sexual na Educação Infantil. Ou seja, a orientação sexual às crianças na educação infantil costuma ser ausente ou ser inadequada porque, muitas vezes, os professores não sabem como fazê-la ou não tiveram uma formação que os preparasse para isso.

A literatura consultada evidencia que na educação infantil as manifestações sexuais das crianças ocorrem de modo freqüente e, muitas vezes, os adultos educadores não sabem como esclarecer às crianças ou não consideram esse um papel do professor, seja por dificuldade pessoal ou por falta de formação acadêmica, por isso, a formação continuada de professores nesta temática, sobretudo no âmbito da educação infantil, é tão necessária.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho foi identificar como professoras de uma pré-escola percebem as manifestações sexuais de seus alunos e oferecer esclarecimentos sobre o desenvolvimento sexual e orientação sexual na infância colaborando para a formação dessas professoras.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Participantes:

Grupo de 10 professoras de crianças que atuam em uma pré-escola universitária. Todas as educadoras eram mulheres, com idade variando entre 26 e 38 anos, que atuavam como professoras na educação infantil entre um a quinze anos. A religião predominante das professoras é a católica e uma se designa evangélica.

Materiais:

Para coleta de dados, utilizou-se de um roteiro de entrevista com questões semi-abertas e roteiros de observação sistemática. Esses instrumentos investigaram os seguintes aspectos: conceito de sexualidade, percepção de comportamentos sexuais e perguntas sobre sexualidade das crianças, modos de reagir diante dessas situações, dificuldades e interesse em receber formação na área.

Procedimentos:

Em primeiro lugar um contato com a coordenadora da pré-escola foi realizado apresentando o projeto e pedindo permissão para sua realização, principalmente para que as discentes freqüentassem a instituição, co-autoras deste trabalho e estagiárias do Curso de Psicologia.

Todos os cuidados éticos foram respeitados na realização do projeto, isto é, esclarecimento sobre o trabalho e solicitação de participação voluntária de participação nas entrevistas. Ressalta-se a importância de trabalhar conjuntamente com as professoras e pais no processo de formação na área de orientação sexual infantil, pois embora a escola possa trabalhar as questões da sexualidade das crianças, o apoio e a compreensão dos pais são imprescindíveis neste processo. Além disso, a formação das professoras priorizava o preparo técnico e pedagógico e uma postura que respeitasse os valores familiares e separasse seus próprios valores pessoais no trabalho de orientação das crianças. Um trabalho junto aos pais também foi realizado, mas os dados obtidos não serão apresentados nesta ocasião.

A análise de dados foi qualitativa, isto é, os conteúdos obtidos pelos relatos registrados foram analisados por agrupamentos temáticos (BARDIN, 1977; TRIVINÕS, 1987). O trabalho foi realizado em diferentes etapas de execução que descreveremos, em seguida:

(a) Observação sistemática das interações entre as crianças e as professoras no espaço da pré-escola para conhecer a instituição, para descrever como as relações pessoais e educativas costumam acontecer e perceber se as manifestações sexuais das crianças ocorrem (o que ocorre, como ocorre; quem participa, quando e o que acontece depois que ocorre);

(b) Levantamento de Informações. Realização de entrevistas com as professoras para conhecer seus questionamentos em geral sobre a sexualidade de crianças, bem como compreender a percepção delas a respeito da orientação sexual na pré-escola;

(c) Formação Continuada e Acompanhamento: Realização de um Mini curso de esclarecimento teórico-prático sobre desenvolvimento da sexualidade na infância, oferecido às professoras. Também a realização de plantões de esclarecimento: dois períodos disponíveis semanalmente para auxiliar as professoras em situações cotidianas de orientação sexual às crianças, oferecendo sugestões de materiais e livros e textos de apoio.

RESULTADOS

No momento, o projeto encontra-se na última etapa do procedimento, isto é, no acompanhamento da formação que já foi oferecida às professoras que têm recebido orientações e esclarecimentos conforme a demanda. Em seguida, apresentaremos os resultados principais.

1. Sexualidade das crianças na pré-escola: O que acontece?

Após quatro semanas de observação sistemática, várias manifestações sexuais dos alunos, como comportamentos de masturbação, jogos sexuais, especialmente em ambiente livre como parque ou em situações de descanso coletivo das crianças, chamado “hora do sono”, foram observadas. Além disso, as crianças também fazem perguntas sobre sexo e sexualidade, usam, às vezes, “palavrões” e falam de namoro e casamento.

Diante dessas situações as professoras, em geral, ou ignoram ou repreendem,

tentando minimizar o embaraço que causam aos adultos. Também, muitas vezes, conversam com as crianças sobre o assunto, mas essas condutas das professoras foram observadas a partir de comentários pessoais e de ações improvisadas. Em nenhum momento foi observado alguma situação planejada pelas professoras relacionadas ao tema da sexualidade para ser trabalhado junto às crianças.

2. O que dizem as professoras?

2.1 Conceito de Sexualidade

O conceito de sexualidade apareceu como abrangente, além do sexo, entretanto, priorizava os aspectos biológicos e corporais relacionados ao gênero. Ex: “afetividade, sentimentos e a parte biológica”, “conhecimento do próprio corpo”, “parte feminino masculino”. Há a percepção de que as crianças têm sexualidade como todo mundo, sendo sua expressão predominante às questões de gênero e à descoberta do corpo nas brincadeiras.

2.2 Percepções de comportamentos sexuais das crianças na pré-escola

As professoras identificaram várias situações de manifestações sexuais dos alunos na pré-escola, por exemplo: exercício de papéis de “pai” e “mãe”, brincadeiras com os órgãos sexuais, toques no próprio corpo, beijo na boca, imitação de gravidez e ainda verbalizações e perguntas sobre as diferenças e partes do corpo. As situações que, segundo elas, despertam mais a ocorrência desses comportamentos são: “hora do sono”, “banho e troca de roupa”, “brincadeira livre no parque”, o que evidentemente favorece o contato com os amigos, a diminuição da vigília e oportunidades que despertem o interesse e a curiosidade no assunto.

Exemplos de relatos das professoras:

[...] na hora do soninho, a gente fica num lugar fechado, mais fácil de enxergar, do que quando ta no parque, que também ocorre bastante, mas normalmente eles entram dentro da casinha e a gente não fica em cima, né, a gente fica de longe olhando, dá pra ver sim que eles

tão com alguma coisa, mas apresentar mesmo é na hora do soninho.

[...] eu acredito que na forma do carinho, de beijo [...] a parte que demonstra mais sexualidade que é o que a gente nota mais é quando eles mexem nos órgãos, né, genitais, em momentos que eles estão mais soltos, que seria no parque, que eu vi muito no ano passado, que são brincadeiras livres, daí eles demonstram mais, se beijam, etc, né, beijo na boca, que é o que a, que leva a casamento que vive na imaginação deles e... quando é o soninho, que é o horário deles descansarem também é... coberta, né, então ficava uma coisa mais camuflada e a gente via que eles ficavam colocando a mão também nos órgãos.

[...] no grupo cinco, que eles já são maior, eu acredito que seja a idade que mais ta aflorado isso, essa curiosidade, ele era mais nítido nas meninas, os meninos, por exemplo, são um pouco mais calmos (...) as meninas muito mais, querendo saber de casamento, quem elas vão beijar na boca, brincando de namorado, né, então muito mais nas meninas.

[...] manifestam mais brincando, quando eles fazem os jogos nas brincadeiras que eles já dividem “a menina é a mamãe, o menino é o papai, a professora...” e quando eles brincam também com os órgãos genitais as vezes, alguns já fazem esse tipo de brincadeira, né?”

[...] perguntam bastante quando vão ao banheiro, né? “Por que o menino faz xixi em pé? Por que a menina faz xixi sentada?”

[...] na minha turminha aqui [...] fala muito de namorado, né? Tem uma aluninha minha que coloca uma bola na barriga o tempo todo e é por que a mãe, tem alguém na família que ta esperando bebê? (...) Os meninos já são mais assim molão, não pensa muito não, agora as meninas da minha turminha tão... só namorado, quer beijar na boca.

[...] E eu percebo também a hora que elas tão brincando com a Barbie, é direto! Elas ficam tirando a roupa das Barbies e os meninos [...] querem brincar de carrinho, de luta com os bonecos, elas não. E assim, eu percebi que elas tiram as roupas das bonecas e colocam em cima mesmo! Então não sei se viram, se assistem coisas, que novela ta demais também né?

[...] Várias crianças no soninho, por exemplo, mexem nos órgãos genitais pra dormir, né? Não sei se isso chega a ser falado por uma masturbação, se usa esse termo pra falar, mas eles mexem bastante nos órgãos genitais. E assim, muita criança, eu já vi, muita criança beija na boca, nas brincadeiras e assim, não aqui em outros lugares que eu trabalhei, eu presenciei o menino abaixar a calça ou ta escondidinho lá com a menina, o menino abaixar a calça, a menina mexer no pênis.

2.3 Ações das professoras diante dos comportamentos sexuais das crianças

As ações das professoras em geral, são prestar atenção quando há sinais de ocorrência de comportamentos sexuais dos alunos e, em geral, ignoram ou tentam

substituir o comportamento por outro. Quando são feitas perguntas, as professoras comentam que respondem rapidamente e evitam prolongar o assunto. Algumas situações são mais espantosas às professoras e nestes casos, elas comentam ter maior dificuldade de lidar.

[...] eles querem ir ao banheiro juntos, né, mas assim, eu não saio para ir ver junto no banheiro, mas já entrei uma vez no banheiro e tinha dois menininhos mostrando um para o outro o pipi, né, só falei pra erguer a roupa.

[...] se aqui a gente vê uma criança mexendo nos órgãos genitais na hora que vai dormir, a gente tenta dar um bichinho pra ela, alguma coisa pra ela trocar, mas não fala “ah, tira a mão daí.

[...] a do beijo eu tava, a gente tava brincando aqui no parque e o beijo foi dentro da casinha, e eu perguntei “cadê os dois?”, eu fui atrás e vi. Mas assim eu não falei “ah não pode” eu falei “ó, vamos brincar pra lá, vamos brincar com o grupo, ta todo mundo sentindo falta de vocês”. Acredito eu que não tenha acontecido mais do que eu presenciei. Aqui das bonecas também, eu procuro... *vamos fazer outra coisa com as bonecas, vamos vestir a roupa, coitada, ta com frio*, mas não fico dando ênfase que não é certo.

[...] pergunta assim: *Ai tia, você tem cú? Você já deu?*, isso eu to falando de criança de cinco anos, e aí eu dei uma atividade, não da sexualidade, eu pulei, sabe, *Ai, vamos cantar a tia esqueceu*, mas... porque eu acho que é entrar muito a fundo naquilo e a turma também não era minha, então eu não pude trabalhar nada, né? Eu só tava ali com eles um pouquinho, mas me assustou um pouco a forma normal que eles perguntaram pra mim.

2.4 Formação acadêmica na área da sexualidade

Todas as professoras comentam que não tiveram o conteúdo de sexualidade na sua formação acadêmica, nem em formação continuada. Comentam que, diante da pouca formação, as situações cotidianas de sexualidade das crianças desencadeiam, muitas vezes, sentimentos de insegurança e sensação de despreparo:

[antes de receber orientações] eu me sentia muito mais insegura [...] não sabia se fingia que não via, se falava, se não falava, mas quando você para tudo pra falar alguma coisa você tumultua todo mundo, né, você perde aquele momento de concentração, você perde tempo.

Algumas professoras já tiveram acesso a palestras, informações e orientações e pensam que isso as ajudou muito, inclusive porque percebem como é possível

conversar sobre esse tema na escola. Uma professora comentou que já fez um trabalho com as crianças, depois de receber orientações, como parte de um projeto com estagiárias de psicologia, e que o resultado foi muito positivo, pois todas as crianças participaram e gostaram da atividade e dos esclarecimentos recebidos. Há uma percepção de que a orientação sexual para as crianças na pré-escola é importante, mas o preparo individual não é suficiente, aparecendo os especialistas, coordenadores de escola ou psicólogos como pessoas importantes nesse processo.

Além disso, uma questão comentada por todas elas foi a importância da parceria com a família e a necessidade de que os pais também fossem preparados para orientar sobre sexualidade seus filhos. As professoras acham que há pais que, sendo flexíveis, poderiam conversar com seus filhos sobre sexo enquanto há outros que não devem fazer isso e nem gostariam, principalmente por motivos religiosos, e nesse caso, a escola deveria assumir essa tarefa. Por isso, segundo elas, o trabalho de formação deveria abranger a elas e também aos pais para as crianças receberem as mesmas orientações.

DISCUSSÃO

O conceito de sexualidade dos participantes nos pareceu amplo e não foi restrito à genitalidade (MAIA, 2001), mas enfatizou questões físicas, talvez porque a figura do corpo sexuado é evidente nas manifestações sexuais infantis que presenciam as professoras.

As manifestações sexuais das crianças observadas por professoras foram coerentes com aquelas esperadas no desenvolvimento psicosssexual típico de crianças de zero a seis anos, especialmente a masturbação infantil, os jogos e brincadeiras sexuais e perguntas sobre o corpo e o nascimento (LAVIOLA, 1998; MAIA, 2005; NUNES; SILVA, 2000; RIBEIRO, M. 2005; SILVA, 2007; VITIELLO; CONCEIÇÃO, 1993). Também reiteram os estudos de Braga (2004), Fernandes (1995), Laviola (1998) e Nascimento e Wendhausen (2007). Além disso, o trabalho com os pais foi percebido pelas professoras como uma questão importante o que seria fundamental para garantir a parceria escola-família, principalmente quando se trata de questões como a sexualidade (REIS, MAIA, 2008; RIBEIRO, M., 2005).

As professoras evidenciaram falta de formação acadêmica e se esforçam por

improvisar atitudes de orientação, mas nada preparado pedagogicamente, preventivamente ou inserido em práticas pedagógicas da escola como um todo o que, segundo Figueiró (2004), seria o ideal. Em geral agem diante da ocorrência de comportamentos que consideram inadequados e tem mais facilidade quando não consideram os comportamentos e ou as perguntas muito “exageradas”.

Parece evidente que as situações em que as crianças manifestam comportamentos sexuais são freqüentes na pré-escola e isso ressalta a necessidade de formação na área que é desmerecida nos cursos de formação em pedagogia ou magistério (FIGUEIRÓ, 2006; LEÃO; RENNES, 2008; MAIA, 2004).

CONCLUSAO

A Formação continuada na área da sexualidade foi considerada muito importante para suprir a carência na formação acadêmica e as dificuldades das professoras no trabalho pedagógico de orientação sexual de crianças na pré-escola. A Psicologia tem um importante papel na colaboração de projetos voltados à formação de professores que colaborem em práticas educativas adequadas em orientação sexual.

REREFÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRAGA, Eliane Maio. Sexualidade infantil: uma investigação acerca da concepção das educadoras de uma creche universitárias sobre educação sexual. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v.7(1), p.118-126. 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

COSTA, Selma Frossard. O Projeto Político-Pedagógico nas Instituições de Atendimento Assistencial a Crianças de zero a seis anos. **Terra e cultura**, Londrina, n. 36, p. 27-38, 2003.

FAGUNDES, Tereza Cristina, Educação Sexual – Prós e Contras. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo, v.3, n.2, p.154-158, 1992.

FERNANDES, Márcia Gomes. **Orientação Sexual na pré-escola: o papel do professor.** Criança-Revista do professor de Educação Infantil. Brasília: MEC, n. 28, p.15-16, 1995.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. O Professor como Educador Sexual: Interligado Formação e Atuação profissional. In: RIBEIRO, P.R.M. (Org.). **Sexualidade e educação: Aproximações necessárias.** São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p. 115-151.

_____. **Formação de Educadores Sexuais: Adiar não é mais possível.** Londrina: EDUEL, 2006.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios para uma Teoria Sexual (1905). **Sigmund Freud-Obras Completas vol VII, 2ª Ed.** Rio de Janeiro, Imago, 1987. p.163-195.

LAVIOLA, Elaine Cardia. **Sexualidade infantil através de relatos de educadoras de creche.** 1998. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Social). Pontícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

LEÃO, Andreza Marques; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A sexualidade na formação inicial do educador: apreciação do curso de Pedagogia da Unesp-Araraquara. In: Actas III Encuentro Iberoamericano en educación. Espanha, Alcalá, 2008. **Anais...** Alcalá: EIDE, 28 a 31 de outubro de 2008. CD Rom.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Sexualidade: Reflexões sobre um conceito amplo. SBPN – **Scientific Journal**, v.5, p.45-48, 2001.

_____. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P.R.M. **Sexualidade e educação: Aproximações necessárias.** São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p.153-179.

_____. Sexualidade e educação sexual: Questões sobre a repressão. In: SILVA, A., SANTOS, B.R.; OLIVEIRA, C.M. (Orgs). **Infância e Adolescência em Perspectiva.** São Vicente: Prefeitura Municipal de São Vicente, 2006, p.9-16.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando. (Orgs). **Sexualidade e Infância.** Cadernos Cecemca. Bauru, Unesp; Brasília, MEC, 2005.

NASCIMENTO, Rita de Cássia Brasil; WENDHAUSEN, Mônica. O papel do professor diante das manifestações da sexualidade. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG, vol3(10),**p. 89-93, 2007.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A Educação Sexual da Criança**: Subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 72).

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação Sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

RIBEIRO, Marcos. **Sexo- Como orientar seu filho**. São Paulo, Planeta do Brasil, 2005.

REIS, Verônica Lima dos; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Interdependência entre família e escola em processos de orientação e educação sexual**: Análise de publicações. Anais do II Encontro Iberoamericano de Educação, Araraquara/SP: EIDE, 2007. CD-ROOM.

REIS, Gisele Volpato; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org). **Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. São Paulo/Araraquara: Cultura Acadêmica/Editora Laboratório Editorial FCL, 2002, p. 81-96.

SILVA, Maria Cecília (Org.). **Sexualidade começa na infância**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

VITIELLO, Nelson; CONCEIÇÃO, Isméri Seixas Cheque. Manifestações da Sexualidade das Diferentes Fases da Vida. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo, v.4, n.1, p. 47-60, 1993.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.